

Aprender e criar com o outro

A educação e a aventura do diálogo

Carlos Rodrigues Brandão

O *aprender* não é uma acumulação provisória e utilitária de conhecimentos dirigidos, de maneira direta, ao exercício de habilidades parceladas, restritas e perigosamente “mecanizáveis”, quando não subordinadas a uma mente crítica, ativa, participante e criativa. *Aprender* é, vimos, uma atividade inerente a tudo o que é vivo, e a aprendizagem responde pela totalização do ser de cada pessoa e pela realização de cada cultura. Ora, se isto é assim, então a função do educador ganha a dimensão de um verdadeiro agente do processo mais importante de toda a vida: *aprender a saber através de criar saberes para aprender*.

Em alguns escritos recentes sobre a aprendizagem, o saber e a educação, parece haver uma quase sugestão de que todo este milagre humano a respeito do qual surgiram de pouco tempo para cá tantas e tantas descobertas extraordinárias, é algo absolutamente pessoal. É alguma coisa que se realiza numa relação quase mágica entre o meu cérebro, a minha mente, a minha inteligência (ou as minhas inteligências) e “o meu mundo a ser conhecido”. Tudo o mais, incluindo outras pessoas, é acessório, é coadjuvante mesmo. Esta visão parcelar torna-se um olhar perverso quando sugere que a formação de pessoas competentes-competitivas é a razão de ser de uma educação para a época presente.

Nada mais infeliz do que esta possível falsa visão tão individualista. Nada mais ilusório do que imaginar que todo o misterioso trabalho pessoal do saber aprender (ou: *aprender a saber e saber aprender*) é uma questão a ser resolvida pelo “foto íntimo” de cada pessoa, individualmente, no máximo com a ajuda de outras: o educador, uma professora, um bom livro, um sistema bem pensado de educação à distância.

Na verdade o trabalho de aprender-a-saber é sempre uma múltipla experiência dialógica.

“Múltipla”, porque é algo vivido diariamente, a todo o momento, *em* situações, *dentro* de dimensões e *através* de relações cujo princípio fundador é a troca de sentidos dados a emoções e de significados em busca do conhecimento, que vão das instâncias interiores de cada uma de nós até as redes de pessoas envolvidas em algum trabalho solidário de desafiar o *logos* e, portanto, de lidar com o aprender.

“Experiência” porque envolve sempre o próprio trabalho da Vida e porque abarca a conexão entre conviver, criar, fazer algo *para, com,* ou *através* do conhecimento. A começar pelo intrincado trabalho de re-equilíbrio de todo o ser da pessoa. Algo que, vimos, está sempre acontecendo durante e após (mas existe

um “após”, aqui?) a vivência da aquisição de um novo conhecimento significativo vivido como um ato de aprendizagem.

“Dialógica” porque é sempre o processo e o produto de uma troca. De uma reciprocidade. De um sair de si para si mesmo, toda a vez em que sensibilidades, afetos, modos pessoais de inteligência, *eu, ego, self* e seus diferentes níveis e territórios de vivência e de participação na aprendizagem e no conhecimento, ingressam de novo na teia de cada momento em que cada um de nós vivencia a experiência de aprender-e-saber. E isto acontece sempre, porquanto num aprender ama mínima “coisa”, toda a teia interior envolvida na aprendizagem é de novo mobilizada e posta em ação.

Depois - e este é o mais difícil passo essencial - um sair de si mesmo em direção ao outro. A alguma outra, a algumas outras pessoas com quem, em um momento único ou em múltiplos momentos de nossa vida, vivemos a partilha do saber e a repartição do conhecimento. Em cada um de nós a vida se oferece como um penhor, como uma dádiva que, no entanto, exige de nós como resposta, um desempenho. Estar vivo é estar continuamente devolvendo à dádiva da Vida as nossas respostas de existência. Os nossos momentos de “sim” no desejo de participação e de partilha na própria teia da Vida. Estar vivo é, a cada novo instante, querer viver.

Todas as pessoas que se dedicam a educar – dentro e fora da educação formal e escola, dentro e fora da “sala de aulas - sabem por uma experiência própria que é bem mais difícil aprender do que ensinar. Sabem, também, que diante de cada gesto de aprender, todos nós realizamos um trabalho ativo muito mais interligado *a e com*. E um trabalho muito mais difícil do que se imagina em geral. Até quando o que aprendemos parece ser alguma coisa muito instrumental, como o domínio progressivo de uma técnica de informática, ainda aí existe um processo de integrações que entrelaça todos os níveis e todos os campos de nosso ser interior: da afetividade até a memória, de um tipo de inteligência específica para aquele estilo de aprendizagem, até um *totum* de inteligência que possuímos e de quem somos. Algo que vai até os limites do trabalho holístico da mente, do espírito, da percepção, da memória, do corpo, e que é chamado a operar para que haja, de fato, um “momento de aprendizagem”.

Entre Piaget e Vigotsky há um dado de provável origem socrática nem sempre levado em conta. Em todo este trabalho do ofício de aprender, em todo o esforço no sentido de incorporar novos conhecimentos, de re-integrar a inteligência e tudo o mais de mim-mesmo através de um novo saber adquirido, há um “passo-a-passo” inevitável.

A cada fração do processo de aprender eu só integro em mim algo como: “isto eu sei” na medida em que desperto em mim algo “que eu já sabia”. Ou melhor, na medida em que torno meu (meu conhecimento, minha idéia, etc) algo que já estava em mim. Vejam bem, não no sentido cumulativo de uma nova posse que aumenta

as minhas propriedades simbólicas, mas no sentido de algo que existindo em comum, disponível entre todos e a todas as pessoas que participam do fluxo de um saber, está-também-em-mim. Algo que já sendo meu, interage criativamente com aquilo que estou-aprendendo-agora. Algo que eu só estou-aprendendo-agora porque, de algum modo, já estava em mim e desperta no eu-de-mim-mesmo um saber que é mais internalizado do que propriamente adquirido. É quase como dizer que eu só aprendo o que eu já sei. É como dizer que eu somente aprendo o que entra em diálogo com o aprendido-antes.

Devemos partir da ideia de que cada pessoa é o sujeito pleno de seu próprio conhecimento.

Do mesmo modo como ninguém pode beber água por mim, embora possa me estender um copo com água, assim também ninguém pode me ensinar, embora possa colocar um conhecimento novo à minha disposição. Conhecer é sempre um nascer-de-novo com aquilo que – agora – se aprendeu e se sabe. Este nascer-de-novo acontece tantas vezes, de tantas maneiras, que acabamos por nos tornar insensíveis ao seu milagre. Mais ou menos como beber sete copos de água ao longo de um dia sem pensar como este gesto pequenino, este gesto simples e gratuito não apenas me mantém vivo, mas re-integra em mim a própria Vida. Eu “bebo água” porque tenho sede. Bebo água porque preciso dela para viver. Bebo água porque, tendo sede, isto “é muito bom”. Mas a água que eu bebo não “mata” só a minha sede. Como essa coisa tão boa, que é: “ter sede pra beber água”, devesse “morrer”. A água bebida torna-se todo o meu corpo. Ela repõe em mim uma nova porção da própria Vida. Seria um exagero dizer que um copo de água bebido é um gesto de comunhão com toda a Vida? Assim é o aprender. uma sede sem fim em busca de uma água que nunca acaba.

E este aprender-por-si-mesmo corresponde a um ensinar-ao-outro que é, na verdade, um ensinar-com-o-outro. Pois se na troca que o *trabalho de saber* inaugura a cada momento existe um processo intersubjetivo onde cada pessoa envolvida é o sujeito, o agente, o autor e o ator pleno de sua própria integração de conhecimentos, o *trabalho de ensinar* acaba sendo pelo menos estas duas coisas.

Primeira: o criar condições interativas para que um fluxo de saber circule, esteja livre e seja disponível. Isto é: oferecer não tanto um conteúdo de conhecimento objetivo e exterior, mas a viabilidade dialógica destinada a que cada pessoa envolvida em um momento de uma rede de descoberta pessoal e solidária de descoberta de um saber, participe dela da maneira mais livre e motivada possível.

Segunda: oferecer ao outro - aí sim - o meu próprio saber, como algo disponível para o diálogo. Não para que a outra pessoa - minha aluna, meu aluno - saibam como eu o que eu sei. Mas para que, tendo disponíveis para eles o conteúdo de um saber meu, eles lidem com “isto” de modo a despertar, com o estímulo de minha fração de saber, algo que já está neles. Algo que será, então, integrado a uma

consciência de saber. Melhor ainda, a uma consciência de: “isto eu sei”. Carneiro Leão.

Pois aprender não é acumular, como crescer não é aumentar de tamanho. Só aprende quem sabe, no que compreende, o sabor do que já possui, a riqueza misteriosa de sua identidade. Acontece realmente um aprender, quando a compreensão do que se tem, for e vier a ser sempre um dar-se a si mesmo sua própria identidade¹.

Podemos por um momento retornar a cada item das páginas anteriores. Retomar a premissa de que *aprender* não se limita a adquirir quantidades de conhecimentos e acumular porções do “adquirido”, mas significa transformar toda a consciência de mim mesmo através da integração de cada um novo saber carregado de sentido. Quando se faz um longo “ah!” quando se aprende algo novo e relevante, cheio de uma desejada novidade, é porque se acabou de lograr algo mais do que “um novo conhecimento”. É porque a consciência que aprende – e de quem aprende – descobre com susto e alegria que já não é mais a mesma, depois “daquilo”.

Aprender-e-ensinar constituem uma relação tão indissociável, que deveriam ser escritos assim, com hífen, como uma palavra só formada de três, onde talvez a mais importante seja o “e” que une as duas e a ambas dá o seu sentido

O educador é um sempre-aluno.

Ele aprende que só começa a saber ensinar realmente quando descobre continuamente o seu próprio não-saber. Melhor ainda, quando passa de ensinar o que já sabe (e que ilusória e temporalmente o livra de “precisar aprender”) e começa, então, passo a passo, a ensinar o que não sabe. Então ele - um aprendiz sem tréguas - estuda, pesquisa, cria a todo o instante um saber gerado da consciência contínua do não-saber... ainda. E, principalmente, ele vive cada momento “de aula” como uma oficina de reciprocidades. Como um diálogo com os outros – seus alunos, seus educandos – não como um ato de tolerância, uma espécie de “metodologia da conversa coletiva em aula – mas como um gesto de reciprocidade, de reconhecimento.

Só um diálogo de busca constante do saber através das inter e trans-reciprocidades de nossas perguntas e respostas, gera um genuíno conhecimento. Um conhecimento que aspira habitar em cada um de nós e entre todos nós. Pois na experiência generosa do diálogo na educação, há um saber que se constrói solitariamente em cada um dos participantes, sob a condição de que, ao mesmo tempo, haja um saber solidário, construído como uma espécie de verdadeira “cultura da turma”. Só é um educador aquele que se recusa a sair do diálogo.

¹ Carneiro Leão, op. Cit. pg. 49

Martin Heidegger escreveu em algum lugar o seguinte: *compreendemos quando fazemos parte do que nos é dito*. Não sou um filósofo de carreira e, solta no ar das idéias, tal como esta frase me apareceu um dia, dita por alguém, ela pode estar imperfeita e não me seria fácil interpretá-la de maneira adequada. Mas eu crio com ela o que eu creio nela. E é mais ou menos isto. Compreender não significa propriamente incorporar novos modos de conhecer ao meu estoque de saberes e de valores. Este é o lado mais material e mais solitário do conhecer e do compreender. Compreendemos algo quando nos habilitamos interior e interativamente a participar do círculo dos diálogos das pessoas que ascenderam a um conhecimento e que, por isso mesmo, participam da teia dos que podem tornar partilhada e recíproca a experiência pessoal e solidária de dar um sentido ao que foi aprendido e, então, compreendido.

O educador é a pessoa para quem o diálogo amoroso - porque passado como uma troca carregada de afetos e porque sempre propenso a transformar um dado do conhecimento, o saber, em um dado da emoção, o amor - com as outras pessoas em busca do aprender através da consciência aberta ao conhecer, é a razão da própria vida.

Esta é a razão porque há uma enorme diferença, não apenas quantitativa, entre *ensinar* e *instruir*. Pois eu *instruo*, mas não *ensino* um cachorro a agir desta ou daquela maneira quando uma pessoa estranha se aproxima de minha casa. Há entre nós uma desigual troca de sinais, de estímulos e contra-estímulos, de ordens e de barganhas entre modos também desiguais de consciências de ser e de estar no mundo. Cada vez que o macaquinho acerta no laboratório ele ganha um amendoim. Cada vez que ele erra ele ganha um choque elétrico (e desumano). Ele é instruído a acertar, mas nunca compreende porque aprendeu a acertar Para que está acertando (a não ser para ganhar um amendoim), e dentro de que contexto de sentido e de significados entre dois seres, “aquilo tudo” está acontecendo Afinal, eu escrevo um artigo científico e ele se empanturra de amendoins e de pedacinhos de queijo, e aumenta o seu terror a choques elétricos. Houve uma relação entre dois seres que se comunicam de algum modo. Não houve uma troca, não houve uma intercomunicação entre dois seres que interagem, isto é, agem o sentido do gesto de um para o outro, um com o outro e, não, um diante do outro, um sobre o outro.

Mesmo que em algum momento os conteúdos do que se troca na busca de um saber estejam desigualmente disponíveis, quando eu reconheço que sei mais sobre Literatura Latina do que você, existe uma aprendizagem porque se saltou do sinal ao símbolo, do estímulo mecânico à motivação subjetiva e autônoma (por isto quando se quer não-se-aprende ... e às vezes este é o melhor aprendizado), da experiência com/sobre o outro a uma relação com/atraves do outro. Isto é ensinar.

O ato de ensinar é o gesto de deixar aprender, de facultar a que se aprenda. É criar as condições para que, passo-a-passo e através de múltiplas situações, onde um professor é apenas um elo em uma complexa cadeia, a pessoa-que-aprende

integre no que ela já é – naquilo que já é consciente para ela e já é a sua consciência – os limites do que ela ainda não é.

E aprender-e-ensinar é a exata aproximação, a identidade e a diferenciação entre as minhas próprias diferenças e a realidade vivida por mim. Uma dupla realidade. A realidade interior que me constitui e que se renova, ao se aventurar a transformar-se de agora para sempre. A realidade interior que eu não-sou, e que se integra em mim quando eu aprendo não tanto *um* saber, mas *a* saber, através de aprender *um* novo saber.

E eis-nos de volta à idéia de que em nada a verdadeira aprendizagem se parece com um armazenamento, um empilhamento. Uma espécie amaldiçoada de acumulação capitalista de bens-e-valores de espécies materiais do saber. Isto é, no máximo, um trabalho de instrução ou de justaposição de habilidades aprendidas para a realização de tarefas concretas. E, mesmo aí, resta perguntar se o que se passa é “só isto”. Aprender significa abri-se ao fluxo impermanente e inesgotável do saber. Aprender é um encontro. É um sempre ir-ao-encontro-de. A ele eu devo levar alguma coisa minha para receber, nele, alguma coisa dada por um outro.

Aprender é estar dentro de um tempo interativo de diálogo com o outro. Aprender é abri-se a um outro para criar com ele a experiência objetivamente solidária (sempre interativa) subjetivamente pessoal (sempre um gesto único, interior) de descobrir junto e integrar sozinho o milagre do saber. E educar é saber construir o momento do diálogo dentro do qual educador e educando criam, um-com-o-outro, um-atraves-do-outro, um saber de construção comum e, ao mesmo tempo, uma descoberta profundamente solitária, imensamente pessoal. Eis o fio do seu mistério.

Eis porque nada mais enganosa do que a crença em que os relacionamentos interativos fecundos são importantes apenas durante a infância e, no limite, até a adolescência. Estamos sempre diante de um outro e nos construímos como uma pessoa mais e mais complexa e mais completa, na medida em que estamos permanentemente incorporando novos saberes ou outros sentidos aos velhos saberes (mas, o saber envelhece?) e re-equilibrando a nossa vida interior sobre o chão de um trabalho de aprender. Um ofício de trocas em que eu descubro e me descubro no espelho do outro, no trabalho com o outro.

E, ainda, aprender e uma atividade humana sem fim. Se na vida e, de algum modo, um aprender, e se o aprender tem as suas idades, então o que pode acontecer na vida de cada pessoa é um “modo de viver a aprendizagem” em cada fase da sua vida. E, note-se bem, o presumível desaprender da última é, na verdade, um des-aprender, um re-aprender. Um deixar-se ficar com o já aprendido na condição de remanejar, de reconstruir. De deixar que se apague tudo o que não serve a um mergulho na máxima profundidade de si-mesmo... de mim-mesmo. De meus conhecimentos e de minhas idéias, de minhas imagens, de meus devaneios e, enfim, de meus aprendizados ao longo de toda a vida”, para que o que reste deste

“remanejamento da vida inteira seja a decantação pessoal de todo o aprendido e de todo o vivido ao longo de uma existência cuja vocação é abrir-se ao inesperado. E é escancarar-se ao construir saberes, decantar idéias, aprender sempre.

Ota, se a descoberta do saber e do sentido se realiza sempre através de situações, de contextos e de gestos interativos de diálogo entre um eu e os seus outros, o que é que o diálogo eu-outro funda? O que é que ele propicia ser criado? Ele estabelece, vimos, a própria viabilidade do aprender, como uma contínua co-construção de *saberes partilhados* (existentes objetivamente como um momento de uma cultura comum) e de *saberes interiorizados* (existentes na experiência e na inteligência múltipla de cada participantes do “círculo do aprender”).

Mas também é o aprender quem re-instaura a cada momento o próprio diálogo. O que é que eu quero dizer? Simplesmente isto: toda a interação com o outro, toda a situação de comunicação comigo mesmo (meu “eu” e o meu “me”), logo, todo o “momento do diálogo” existem porque há o novo. Existem porque, entre frase e frase, entre frase e silêncio, entre silêncio e silêncio, entre a palavra e a idéia, entre a idéia e a fantasia, entre o conceito e o devaneio inter-trocados em meio a nós, o que torna uma conversa, uma aula, uma qualquer interlocução algo desejado, importante e útil, é a abertura à descoberta.

Nada pior do que uma conversa em cima do já sabido entre todos. Nada pior do que uma aula que “não acrescenta nada”, e nada mais aborrecido do que uma confiança em cima do que “eu já sabia”). Nada pior do que ouvir sem aprender e nada mais infecundo do que dizer sem ensinar. Claro, “ensinar” aqui, como a palavra que se abre ao novo. Como a frase desafiadora da descoberta ... em você que me fala e em mim que escuto.

Até mesmo o falar mais cotidiano, o aparentemente mais banal, o dos encontros e conversas de todo o dia, parece estar sempre dividido em dois momentos. Um primeiro momento é o da reiteração ritual do já sabido. Algo como dizer “bom dia, como vai?” ou sugerir que “o dia está muito quente, deve chover mais tarde”. É a fala canônica, como as das partes invariantes da missa católica. De vez em quando uma conversa para “nisso aí”, pois o que se quer dizer não é o que é dito, mas o que ritualmente significa estar dizendo aquilo, daquela maneira, naquele momento. Outras vezes, numa relação muito constrangedora (como em começos de namoro) fica difícil sair deste “papo furado”, porque tudo o que um tem a dizer para um outro, não “sai da garganta”.

Mas toda a conversa que perdura, quando se tem algo a dizer ao outro, deseja mesmo é saltar do momento canônico para a troca de acontecimentos. Para a reciprocidade da descoberta. Quantas vezes esta passagem começa assim: “você sabe da última?” Que é uma maneira ritual de se dizer: “bom, a conversa ritual está acabada, vamos passar para a criação do novo”. Isto é, vamos iniciar entre nós um diálogo em volta da aquisição de saber, da aprendizagem do desconhecido ...

mesmo que ele seja só sobre os fatos banais do dia. Há algo “banal” num dia de vida de alguém?

Em um diálogo motivado como vocação da *descoberta do conhecimento*, isto é, do diálogo que se vive em qualquer momento de uma verdadeira educação, o que se experimenta é o intercâmbio de sentimentos, de idéias e de saberes à volta do *novo*. É um dizer e ouvir em busca do desconhecido que se torna, entre os dois ou mais que dialogam, entre todos os que participam de um momento de mútua aprendizagem, uma reciprocidade na conquista do conhecimento. Mesmo nas situações mais inesperadas.

E a educação é isto. Ou, melhor ainda, é o criar situações interativas para que tudo e apenas “isto” aconteça.

Podemos ir além. Podemos imaginar que o que alguém pensou um dia e colocou em diálogo pode até mesmo ser esquecido, mas nunca mais se apaga. De todo o bom pensamento – aquele que cria algo ao ser criado como um gesto de aprender – sempre algo subsiste, mesmo quando nada dele tenha sido escrito ou registrado de alguma outra maneira. Porque todo o bom pensamento salta do seu breve momento para uma duração universal. Não seria uma metáfora fantástica imaginar que um pensamento carregado de sentido salta de seu aqui-e-agora, de seu lugar de origem, de seu momento de gesto-nascido, para a imensidão dos espaços culturais de partilha de sentido onde haverão de estar os pensamentos que o acolhem.

De algum modo o que eu penso a cada instante, o que eu acabo de pensar, o que estive pensando hoje, quase nada possui de criação absolutamente original. Não é algo da minha exclusiva autoria e, portanto, sequer pode ser minha posse. Eu bem sei que penso os meus pensamentos, mas com que cuidados devo dizer: “este pensamento é meu”. Pois cada um dos pensamentos “meus”, é uma parte do fluxo cultural das teias e das tessituras de sentidos e de sentimentos de eu que faço parte. Em algum lugar Lacan disse um dia: “sou onde não me penso”. Terá sido por isto? Creio que não, mas faz algum sentido.

Dentro de mundos das diferentes culturas em que vivemos as nossas vidas tudo *o que se cria e o que cria algo à nossa volta* faz parte e dinamicamente constitui uma *comunidade de imaginários* de que cada um de nós, *em* que cada um de nós é mais um companheiro de destino do que um hospedeiro. Mais um convidado do que um proprietário e mais uma reticência do que um ponto final.

Referências Bibliográficas

Assmann, Hugo

Reencantar a Educação

1998, VOZES, Petrópolis

Bateson, Gregory

Pasos hacia una ecologia de la mente

1976, Ed. Lohlé, B. Aires

Bérgson, Henri

A Evolução Criadora

1964, Coleção Prêmios Nobel de Literatura, Editora Delta

Carneiro Leão, Emmanuel

Aprendendo a Pensar

1991, VOZES, Petrópolis

Charlot, Bernard

Du Rapport au Savoir

1997, Economica, Paris

Marco Aurélio

Meditações

2001, Martin Claret, São Paulo

Tolstoi. Leon

Calendário de Sabedoria

1998,

Watts, Allan S

A Arte da Felicidade

1995, Pensamento, São Paulo

*Este documento compõe uma sequência de escritos
ao redor da antropologia e da educação
Não os pensei e nem os escrevi com preocupações acadêmicas.
Eles são para serem lidos e dialogados
como “exercícios livres de escrita”.
Estão livres de cuidados preocupações científico-acadêmicas.
E são rascunhos de escritos “atirados nas nuvens”
e solidária e gratuitamente disponíveis para quem os queira ler,
ou dar a eles uma qualquer destinação.
As mesmas palavras e ideias
poderão estar presentes em vários escritos.
Outros escritos meus entre
a literatura, a antropologia e a educação,
podem ser também livre e gratuitamente acessados em:
www.apartilhadavida.com.br*

*Este documento compõe uma sequência de escritos
ao redor da educação popular.
Eles são para serem lidos e dialogados
como “exercícios livres de escrita”.
Estão livres de cuidados preocupações científico-acadêmicas.
E são rascunhos de escritos “atirados nas nuvens”
e solidária e gratuitamente disponíveis para quem os queira ler,
ou dar a eles uma qualquer destinação.
As mesmas palavras e ideias
poderão estar presentes em vários escritos.
Outros escritos meus entre
a literatura, a antropologia e a educação,
podem ser também livre e gratuitamente acessados em:
www.apartilhadavida.com.br*

